

PIM PAM PUM



DIRECTOR: AUGUSTO

DE SANTA-RITA

Ti'Raimundo arrependido

NUMA pequena aldeia do Ribatejo, viviam dois lavradores ricos, mas de feitios totalmente diferentes: O ti-Cipriano era generoso e esmolero. O ti-Raimundo, muito avarento, a ninguém dava uma esmoia. Trabalhava de sol a sol, sem descanso, fazendo, êle só, o trabalho de dois ou três homens. Era amigo da mulher e do filho. Mas... amigo a seu modo!...

Andavam descalços ou esfarapados? Que importava?!... Contanto que o dinheiro se não gastasse!...

Ao almoço e ao jantar comia-se apenas um caldinho de

isso? Que lhe preste! Êle se arrependirá!...

A mulher não se atreveu a insistir. Para quê? Ela sabia bem que o seu Raimundo era tão teimoso que, em resolvendo uma coisa, ninguém seria capaz de o demover!...

Os anos foram passando. O Zé não aprendeu a lèr, mas, de enxada na mão, era um portento.

O Quim do ti-Cipriano, por seu turno, fizera os exames de instrução primária. O pai resolveu, então, a conselho do professor, meter o rapaz numa escola agrícola.

Foi o fim do mundo! Quando na aldeia constou

avós. Lavramos, arroteamos, podamos, cavamos, porque nos ensinaram a fazê-lo. Mas somos incapazes de obrigar um terreno mau a ser bom, de curar uma árvore doente!...

— «Ah! Ah! Ah! — riu irónicamente o ti-Raimundo. — «Antão» o teu Quim vai estudar p'ra «doitor» da terra!... Essa é de primeiríssima!... Ora, amigo! Valla mais que guardasses o dinheirinho que tanto te custou a ganhar, em vez de ires atirá-lo a rua!...»

Ti-Cipriano formalizou-se: — «Cada qual sabe o que lhe convém. E assim como eu não meto o nariz nas vidas alheias, também não gosto que o metam na minha...»



couves mal temperado e um naco de pão de milho?

Ora!... O importante era encher o estômago!...

O certo é que, com êste sistema de vida, as notas se iam acumulando num cofre que êle próprio fabricara e do qual só êle tinha a chave.

Quando o Zé, o filho, chegou à idade de aprender, a mulher lembrou-se de o mandar à escola. Mas o ti-Raimundo opôs-se terminantemente:

— «Estás doida, mulher!... Eu não quero «doitores» cá em casa. O que tenho, para êle é. Não o come num ano, nem em dois. Portanto, para que diacho precisa o cachopo de saber lèr nos livros? Basta-lhe saber pegar na enxada!...»

— «Mas o vizinho Cipriano mandou o filho...»

— «E que temos nós com

que o Quim ia para a escola agrícola, o ti-Raimundo correu a casa do vizinho:

— «O Cipriano! Dizem aí que o teu cachopo vai p'ra «doitor!...» Isso é verdade, homem?»

— «Nã! — respondeu, risonho, o ti-Cipriano — Val «somentes» aprender a cuidar bem do que um dia será seu...»

— «E p'ra isso, p'ra lhe ensinar essas artes, torna-se preciso mandá-lo à escola? Tu já não chegas p'ra mestre? Pois «antão», ensino-o eu e não te levo nada pela ensinança!...»

— «Nem tu nem eu servimos para mestres, Raimundo, porque nada sabemos!...»

— «Essa agora?»

— «E' assim mesmo! Que sabes tu' ou qui sei eu do cultivo de terras? Hein? O mesmo que sabiam os nossos pais e

O ROCHEDO E A PEDREIRA

Era cheia de lajedo aquela serra altaneira. Tinha no cimo um rochedo, no sopé, uma pedreira.

■ Sua magestosa frente que no rochedo se erguia, dominava o horizonte, de toda a parte se via.

■ Só a águia ali poisava, às vezes, a descansar. Ao pico ninguém chegava.... Não se podia escalar.

■ Encarrapitado no alto, logo que lhe dava o sol, o rochedo de basalto brilhava como um farol.

Adorava-o a floresta, era o rei da penedia e o rio sentia-se em festa quando em si o reflectia.



Só a pedreira, coitada, por baixinha se encontrar era muito maltratada, todos a vinham roubar.

A pedra que lhe arrancavam, depois de ser bem partida, na estrada nova a deixavam toda calcada e batida.

E, quando, já triturada, olhava o alto rochedo, a pobre pedra da estrada ia dizendo em segredo:

Há vidas bem dolorosas, há tão diversos caminhos, Porque é que uns colhem as rosas,

e outros colhem os espinhos?

Laura Chaves:

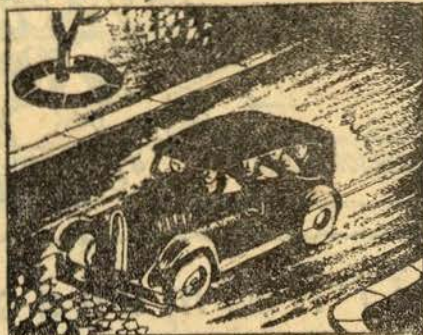
..... mundo. No seu desespero, o lavrador increpava o filho:

(Continua na página 3)



FAJOCA, PATACHOCA e CARALAROCA

(Continuado do número anterior)



Acabando por se convencer de que a pequena lhe falava verdade, o polícia decidiu, então, dirigir-se ao telefone mais próximo, pedindo ligação para a 1.ª Esquadra. Patachoca rejeitou a ligação, pois em virtude do defeito de ligação, o guarda não conseguiu comunicar com os seus superiores. O facto, longe de o desanimar, começou a forçá-lo a tomar maior interesse pelo caso. Já pouco calmo, começou a bater com o descanço do auscultador antes de chamar a atenção da empregada punha-o em contacto com o chefe da polícia



não conseguiu comunicar com os seus superiores. O facto, longe de o desanimar, começou a forçá-lo a tomar maior interesse pelo caso. Já pouco calmo, começou a bater com o descanço do auscultador antes de chamar a atenção da empregada punha-o em contacto com o chefe da polícia



que prometeu ao seu subordinado tomar imediatas providências. De facto, passados minutos, atravessava veementemente as ruas da cidade, agudamente armados e municionados, automóveis da corporação policial, cheio de agentes dev-



DINARCO

indicado pelo guarda que atenderam eficazmente a casa abandonada, a fim de que nenhum dos bandidos se pudesse escapar. Enquanto isto sucedia, o chefe que comandava o destacamento, tomou a direcção do ataque, dirigindo-se resolutamente para a casa, seguido por alguns dos seus agentes. Indiferente ao perigo, Patachoca incorporou-se imediatamente no grupo e com ele deu,

(Continua na página 7)

O PASSARINHO MISTERIOSO

Por MARIA DE ALPIARÇA

Meus queridos meninos:

Este caso passou-se há anos, com um rapazinho muito estudioso.

Fernando José era aluno do quinto ano do liceu, e era natural de Santarém. Habitava na avenida das Portas do Sol, numa casinha moderna, rodeada dum pequeno jardim, que a tornava encantadora.

Dali, avista-se a fita larga do Tejo, Alpiarça e Almeirim, guardas avançadas da famosa Scaféris, formosa «princesa moirisca» alcandorada no alto da colina.

Fernando José, em dias de verão, costumava fazer seu gabinete de estudo num caramachão de glicínias, que deixava para as trazeiras. Ali passava longas horas de devaneio, a pensar na vida académica de Coimbra, que já não vinha longe, e na qual o palantava vezes lhe falava.

Naqueles momentos de sonho, visionava-se no choupal, de capa ao ombro, muito alegre e sonhador, ouvindo o canto dos rouxinóis e as alegres guitarradas.

Fantasiava um barquito veleiro sobre as águas mansas do Mondego, da qual ele era o timoneiro.

Pensava no Penedo da Saudade, e no belo panorama que lhe fica em frente, tão bordado a matiz, enlevo de quem o vê.

Muitas noites, quando acordava, punha-se a pensar que gostaria de viver numa alegre «república».

longas noites de estudo, a malteada, não sofreria alteração: não lhe jurava ele. Uma tarde, foi sentar-se no velho caramachão, como era que o estudante, enlevado, seu cos-
tume e, Esta, sempre a cantar, desceu a barreira em pequenos vros sobre vós, dirigindo-se ao Alfange; a mês, dali foi voando, foi voando por montes e vales, seguida pelo estudante. Os dias seguiram-se às noites, até que Fernando José se encontrou no meio duma floresta desconhecida, sem cansaço; a pesar da longa caminhada.

ros, quando as tesouras, bem afiadas, cortam belas cabeleiras e uns bocadinhos de capas, acabadas de estrear.

A sua cabeça, bem pen-

espreitar por uma abertura do caramachão, vendo uma avezinha, de cores variegadas, a saltitar de ramo em ramo. Era tão suave a har-



monia entoada pela ave canora, tão divinos os acordes daquela música desconhecida, como era que o estudante, enlevado, seu cos-foi seguindo a avezinha.

Esta, sempre a cantar, desceu a barreira em pequenos vros sobre vós, dirigindo-se ao Alfange; a mês, dali foi voando, foi voando por montes e vales, seguida pelo estudante. Os dias seguiram-se às noites, até que Fernando José se encontrou no meio duma floresta desconhecida, sem cansaço; a pesar da longa caminhada.

Muito adiante, encontrou uma floresta de prata, tendo ao centro um palácio magnífico.

— «O que seria aquilo?» — perguntava ele a si próprio, maravilhado com aquela grandeza arquitectónica.

Não tardou que o soubesse: A breve trecho, viu-se rodeado de laçaios de librê, que

(Continua na página 6)

TI-RAIMUNDO ARREPENDIDO (Continuado da página 1)

— «Grande ralaço! Não ganhas o pão que comes!... Olha o Quim!... O que éle conseguiu fazer do casal do pai!...»

O Zé, muito humilde, retorquiu:

— «Eu não sou ralaço, pai. Mato-me a trabalhar!... A culpa não é minha, se as terras não dão mais!...»

Até que, um dia, cansado e desgostoso, com as palavras injustas do pai, não pôde conter-se mais e desabafou:

— «Se voçemecê tivesse feito como o ti-Cipriano, a estas

horas as suas terras seriam tão boas ou melhores que as dele. Mas... voçemecê preferiu guardar as notas, a gastá-las com a minha educação... Ai tem os resultados!...»

O ti-Raimundo estava arrependido da sua estupidez. Mas o Zé era esperto e tinha vontade de ser alguém. E como nunca é tarde para aprender, as notas do lavrador saíram do cofre e foram ajudar o rapaz a alcançar alguma sabedoria.

E agora o Zé, já casado, tem filhos. E o velho ti-Raimundo gosta de chamar os cachopos e entretém-se a contar-lhes esta história, que eles sabem de cor e salteada, rematando assim:

— «E agora já voçemecês sabem porque o casal do ti-Cipriano é maior e melhor do que o meu. E que éle é muito mais esperto do que o vosso avô, que, durante anos e anos, teve os olhos fechados. O ti-Cipriano, em vez de guardar as notas, pô-las a juros no corpo do filho. Como as notas

não tem raízes, guardadas não rendem nada. Ao passo que a sabaença é uma árvore bendita, que produz sempre bons frutos!...»

LEONOR DE CAMPOS

PENSAMENTOS

A doutrina do homem conhece-se pela paciência; e a sua glória é passar por cima das injúrias a éle feitas.

★
Ao filho que não é sincero, nada lhe sairá bem.

SERAPIÃO TRAPALHÃO
EM VIAGEM PELO SERTÃO

(Continuado do número anterior)

2.º EPISODIO

Resumo do anterior. (a toda a força e vapor): sem olhar a despesas, vai em busca de riquezas, embrenhando-se no sertão o Serapião e, para não proceder às cegas, convida o Lucas Piégas, cabeleireiro em Xabregas, para com ele partilhar da fortuna e do azar!...

NOITE escura e silenciosa! (Mas que bem começa a prosa!...)

Depois de muito andar, resolveram acampar, vencidos pelo cansaço, não contando com o embaraço em que tal os vai lançar. E, sem recearem o frio, é mesmo junto do rio que se deitam a dormir, na intenção de seguir, se tal a sorte lhes permitir!...

Mas, nisto, dois crocodilos dispõem-se a engulir os e o bom do elefante, sem esperar um instante (acreditem no que digo) zás!..., fá-los num figo, com as patas de diante.

Acordam sobressaltados e, ainda estremunhados, concordam em que a situação só lhes permite uma solução: abandonar o local para evitar maior mal!

Com tal decisão tomada, metem-se a nova caminhada, dispostos a procurar um sítio onde passar uma noite descansada.

Mas a sorte malfazeja, aos nossos amigos deseja novas comoções sem par!

Embrenham-se na floresta e, devido à escuridão, batem ambos, com a testa, na caverna dum leão que, sem mais estas ou aquelas, se lhes atira às canelas, com ganas de comilão.

É ainda o paquiderme quem lhes salva a epiderme, empurrando com o trombil o leão para o



UM GORILA INTELIGENTE

— POR JORGE SARRIA

Foi no Cabo, entre duas chávenas de chá, que eu ouvi a história que vou narrar. Eramos quatro, todos antigos exploradores, apenas com excepção da minha pessoa, homens rudes e fortes, dotados duma saúde que a vida da selva, com todas as suas privações e sacrifícios, não conseguira abalar.

Abancados a uma mesa dum «bar», o «bar» de «Sir» John, um inglês cem por cento, que sentia um secreto gosto em oferecer a todos os compatriotas o seu chá das cinco, o seu «five o'clock tea» na sua própria língua, os três exploradores iam contando as várias aventuras por que tinham passado quando, através das florestas tropicais, se viam obrigados a defender-se das feras ou de outros perigos que, constantemente, surgiam.

Discutiram-se caçadas, apreciaram-se caracteres e, por último, «Sir» Richard, o mais velho de todos e, talvez por isso mesmo, o que melhor conhecia os segredos da vida africana, abordou um assunto que nos interessou vivamente. Tratava-se de avaliar o grau de inteligência de certos animais e, em especial, a do gorila que, naturalmente por ser o animal que mais se assemelha



lha ao homem, tinha direito a uns momentos de atenção. E «Sir» Richard, que de perto convivera com as feras, que chegara a ser domador, dispôs-se a contar um episódio com ele sucedido e que, de algum modo, ia ao encontro do seu ponto de vista.

Todos nos acomodamos melhor nas cadeiras, alguns puxaram de cigarros, talvez para dar mais sabor à narrativa que iam ouvir, e até «Sir» John, o inglês cem por cento, aceitou abandonar um pouco os seus ilustres clientes, e aproximou-se da nossa mesa, para melhor ouvir.

«O caso passou-se há alguns anos há bastantes anos mesmo começou o velho explorador. Eu percorria então o Congo Belga, na faina da caça e, devendo dizer, possuía já uma colecção de peles que, sem serem dum valor incalculável, corresponderiam, no entanto, ao esforço das emoções porque passara para as obter.

Como era a primeira vez que me internava nessas florestas tive necessidade de arranjar



um guia, um homem chamado Henry e que um amigo me funcionário em Leopoldville me indicou como sendo de absoluta confiança e bastante conhecedor da região.

Eu, não sei bem porquê, comecei desde logo a antipatizar com ele. Tinha uma maneira de olhar que me parecia falsa e o rosto, de linhas irregulares e marcado por uma cicatriz que ia da orelha à boca, apresentava um aspecto sinistro que desagradava sobremaneira. Além disso, tinha o hábito de fazer trejeitos com os lábios, o que me causava um enervamento profundo e inaplicável.

Por isso, eu apenas o consultava sobre o itinerário a seguir, limitando ao mínimo as palestras que pudesse ter com ele, e de resto, procurava mantê-lo a distância, evitando pedir-lhe explicações que lhe dessem oportunidade a intrometer-se nos meus negócios.

Eramos os únicos brancos dessa caravana, que se completava com cerca de trinta nativos, que me ajudavam em diversos trabalhos, com uma boa vontade bastante para admirar.

preferem assim, que me causava admiração e, em tudo que fazia, demonstrava um tacto e um cuidado que me obrigavam a retribuir, de bom grado, a estima que o bicho sentia por mim. Como eu, sentia pelo guia uma repulsa que não procurava dissimular, antes, pelo contrário, punha-a bem em evidência, pregando-lhe partidas que bastante o arrelhavam e das quais eu me ria, à sucapa.

Durante algum tempo, vagueei por essas terras perigosas, onde a morte parece espreitar constantemente o intruso que ousa pisar semelhante terreno.

E quando julguei a minha colecção de peles bastante completa, resolvi regressar.

Foi, então, que Henry, o guia, se mostrou, pela primeira vez, insolente e agressivo. Ao dar-lhe parte da minha resolução, discordou em absoluto e, como eu lhe observasse que quem mandava ali não era ele, permitiu-se dar-me um encoentro que me fez cambalear.

Ante esta falta de respeito, eu ia dar ordens aos negros para o prenderem, quando êle, com um salto que, de certa maneira, se assemelhava ao do tigre, se lançou sobre mim. Rolamos pelo chão, num



abraço que tinha qualquer coisa de feroz.

Creio que ainda não disse que Henry era dotado duma robustez física que podia, facilmente, rivalizar com a de qualquer atleta.

Eua, naturalmente, sucumbir aos golpes do adversário e já um clarão vermelho principiava a toldar-me a vista; mas, de súbito, com grande espanto, vi o guia erguer-se como se fosse impellido por uma mola oculta e ficar suspenso no ar, numa posição desagradável e bastante cómica. A princípio não atinei com o fenómeno; mas, depois de sair da espécie de entorpecimento que as pancadas vibradas pelo

malandro, tinham produzido, fixei, com mais atenção, o quadro que tinha na minha frente e reconheci logo o vulto familiar de «Horace», o gorila, que, com toda a calma, mantinha Henry em respeito, segurando-o como se fosse um simples fantoche.

Então, não me contive e, apesar da situação, soltei uma gargalhada correndo a abraçar o meu salvador.



O guia foi algemado e o incidente ficou por ali, tomando eu as precauções necessárias para que tal cena se não repetisse.

Porém, nesse mesmo dia, à noite, pareceu-me notar na atitude dos negros qualquer coisa que de novo me deixou intrigado. Olhavam-me de soslaio, e dir-se-ia que tinham colóquios em demasia.

Receoso de uma vingança por parte de Henry, dei-me pouco disposto a adormecer, e tive o cuidado de me munir da minha carabina, que estava sempre pronta a responder a qualquer ataque. Começava já a aurora a romper, quando ouvi uns urros que imediatamente reconheci. Era «Horace». Saltei do leito o mais rapidamente possível, e ia precipitar-me para fora, quando esbarrei com um grupo de negros.

Antes que eu compreendesse o que se estava passando, os nativos saltavam sobre mim e, num instante, reduziam-me a mais completa impotência. Fui arrastado e sólidamente amarrado ao tronco duma palmeira, onde fiquei sem poder esboçar o mais pequeno gesto de defesa.

Foi, então, tarde demais, que compreendi tudo. Henry por qualquer modo conseguira indispôr os nativos contra mim e, tornando-se, pela força e pela astúcia, chefe da caravana, ia-se embora, deixando-me ali

(Continua na página 8)

SERAPIÃO TRAPALHÃO
EM VIAGEM PELO SERTÃO

(Continuado da primeira coluna)

seu covil e, para não ficarem às postas, o elefante põe-os às costas.

Julgando-se já salvo, o nosso Serapião papalvo, rejubila de contente, sem reparar numa serpente que, zunindo como as mós-cas, toda se faz em rós-cas, em volta de um velho cipó, disposta a reduzi-los a pó, quando lhe chegam à mão!...

É trágica a situação, pois, à medida que avança (o elefante não cansa e continua a caminhar!) vai fazê-lo passar por debaixo da cascavel que, em atitude bem cruel mais e mais arreganha o dente, quando um feliz acidente vem resolver a questão:

Deitado no meio do caminho, um tronco muito velhinho, mas grosso até mais não, faz tropeçar o trombudo que, com carga, cipó e tudo, se estatela no meio do chão, dando assim ocasião a que a cobra, muito assustada, se ponha a andar, coitada, muitíssimo arrelhada com o seu enorme azar, que a faz ir a coxear, e sem ter conseguido que o Serapião e o amigo sofressem uma beliscadura, apesar da cama dura, em que ficaram estendidos, de medo e frio tranzidos.

Mas não acabaram os perigos que perseguem os nossos amigos!...

Se tem interesse o leitor, fale nisto à sua Mãe e para a semana que vem, se ainda for vivo o autor, verá a continuação de Serapião Trapalhão em viagem pelo sertão.

(Fim do 2.º episódio)

(Continua)



PALAVRAS CRUZADAS

JÔGO-ADIVINHA

HORIZONTAIS

- 1— País da Europa.
- 2— O que a galinha põe; esvasie.
- 3— Duplo.
- 4— Pronome; divisão do tempo.
- 5— No sapato...
- 6— Artigo no plural.
- 7— Faz-se de dia...; Art. no plural
- 8— Lubrificante; lado

	1	2	3	4	5	6	7	8
1	P	O	A	T	U	G	A	L
2	O	V	O		V	A	S	E
3	R		D	U	A	L		V
4	T	U	A				A	R
5	O		S	A	R	A		R
6		F		C	O	S		
7	S	E	S	T	A		A	S
8	O	L	E	A		A	L	A

GUY MANUEL

VERTICAIS

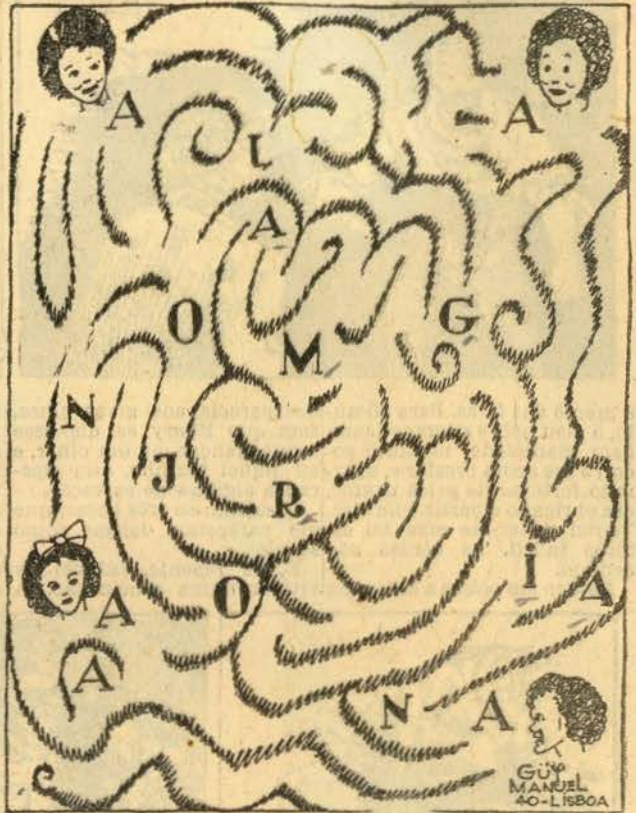
- 1— Cidade de Portugal; sózinho
- 2— Amarga.
- 3— Arcos; Igreja.
- 4— Voto.
- 5— Fruto.
- 6— Barco.
- 7— Artigo no plural; tempêro.
- 8— Conduzir; nome de homem.

Estão aqui 17 letras. Achem o nome destas quatro raparigas obedecendo às seguintes condições:

1.º— Os caminhos não podem ser trilhados mais do que uma vez;

2.º— Os nomes terminam sempre em A, nos quatro cantos da gravura e finalmente as letras devem-se seguir na respectiva ordem porque formam os nomes... Uma indicação agora, que talvez ajude os nossos pequeninos leitores:

Um dos nomes começa por o M que está no centro.



GUY MANUEL
40-LISBOA

Solução da Adivinha do número anterior

Não vai para parte nenhuma, porque o comboio eléctrico não deita fumo.

PASSATEMPO

Quem ora lhe piosavesste, anoa-espraçora oodesspei

Nestas duas filas de letras está escrito um provérbio. Para o descobrir basta suprimir determinadas letras.

FAJOCA, PATACHOCA E CARALAROCA

(Continuado da página 2)

dai a pouco, entrada no sótão, curando cada um fugir para a casa. seu lado. Sem resultado, porém, pois a polícia tinha tomado sábias precauções necessárias, impedindo, assim, qualquer tentativa de fuga. Variada a situação dos bandidos, não tiveram outro remédio senão renderem-se sem esboçar o menor movimento de resistência. Momentos depois, eram conduzidos em respeito pelas armas dos polícias, conduzidos para o exterior da casa. Pelas suas

expressões, depressa se adivinhara quais os seus sentimentos: o mais profundo ódio e o despeito por se verem apanhados. Teriam agora que prestar contas à justiça pelos seus inúmeros «feitos»! Enquanto isto sucedia, Patachoca corria célere para o seu irmão e avô que, graças à sua desobediência, lhe deviam a vida. Verdade seja que Caralaroca não gostava muito do «apuro» de que acaba de se ver livre mas não é menos verdade que, durante o trajeto para casa, onde iam festejar a sua libertação, aproveitou o ensejo para dar duas lições de moral aos seus netos. A Patachoca fez ver, com boas palavras é certo, que, se lhe não era menos certo que a sua desobediência lhe podia ter saído cara, pois poderia ter partido uma perna na queda que dera e não conseguir, da mesma maneira, salva-los. Quanto a Fajoca, também ouviu «das boas»!... Então, aquilo era coisa que se fizesse? A sua falta de domínio de nervos ia-lhes custando a vida. Era necessário, por isso, que para a outra vez, houvesse mais cuidado com as jarras!... Mas já tudo passara; enquanto Fajoca limpava as grossas bagas de suor, que lhe perlavam a testa, Patachoca ia-o animando com boas palavras, sob o olhar atento de Caralaroca...

(Continua)

UM GORILA INTELIGENTE (Continuado da página central)



à mercê das téras. Para cúmulo, o meu pobre «Horace», também manietado, nenhum socorro me podia prestar e, agarrado fortemente pelos negros, era obrigado a partir com eles. Tentei soltar-me mas foi esforço inútil. As cordas não cediam.

desaparecia aos meus olhos, sem que Henry se dignasse sequer lançar-me um olhar, e eu fiquei sozinho, sem esperança alguma de salvação.

Passaram-se três horas, que me pareceram longas como séculos.

E, de repente, julguei-me vítima duma alucinação. A

alguma distância, empoleirado nuns ramos, avistei «Horace» que se balouçava indolentemente, soltando uivos amigáveis. A alegria que senti não a posso descrever. Calculei que o inteligente animal conseguira fugir aos seus captores e, livre, correrá ao meu encontro.

Pouco depois, o gorila descia por uma liana, e vinha até à minha beira. Estudou, rondou e, indo para trás do tronco, começou a mexer nas cordas que me prendiam à árvore. Não sei de que processos êle se serviu; o certo é que, meia hora depois, estava livre. «Horace» libertara-me!



Então, pensei em ir na perseguição do gula e dos negros. Não sabia o que fazer, assim que os encontrasse mas, acompanhado de «Horace», julgava-me capaz de lutar contra um exército, tal era a confiança que êle me inspirava.

Foi ainda o gorila que me ensinou o caminho, pulando de ramo para ramo e soltando o seu grito gutural. Após algumas horas de fatigante marcha, encontrei, finalmente, os nativos. Estavam indecisos sobre o que haviam de fazer,

pois que o gula os abandonara ao ter conhecimento da fuga de «Horace».

E «Sir» Richard, voltando-se para nós, concluiu:

— «O malandro conhecia a inteligência do animal e, calculando o que iria suceder,

entendeu por bem pôr-se ao fresco».

PENSAMENTO

O coração contente alegre e semblante; com a tristeza da alma se abate o espírito.

NO REINO DOS BICHOS

G A M O

O Gamo é um animal da família dos veados. Oriundo das regiões do Mediterrâneo, parece que foi introduzido na Inglaterra.

Podem colorir-lo de amarelo (1) e castanho (2). O pescoço é branco e o focinho amarelado.



Solução da adivinha anterior

A maneira de, com 5 fósforos, fazer oito, sem os quebrar e sem formar o número em conta romana, consiste em dispô-los da forma como estavam na gravura que publicámos: — 7 + 1.

Iamos jurar que não tinham dado por isso.

Graça infantil

A rainha Elizabeth, de Inglaterra, disse, um dia, quando era ainda uma pequenina princesa: — «Hei-de proibir as pessoas de andarem a cavalo, ao domingo. Os pobres animais também devem descansar, uma vez por semana, como nós».